



Do cultivo aos processos criativos na cozinha do Assentamento Denis Gonçalves

From the cultivation up to the creative processes in the kitchen of the Denis Gonçalves Settlement

RODRIGUES, Natália Barbosa¹; SILVA, Clarice Santana da²

¹ Universidade Federal de Viçosa, natalia.b.rodrigues@ufv.com.br; ² Universidade Federal de Viçosa, clarice.santana@ufv.com.br

Eixo temático: Campesinato e Soberania Alimentar

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo descrever a viagem técnica ao assentamento Denis Gonçalves, localizado em Goianá, Minas Gerais, promovida pelo V Simpósio Mineiro de Ciência do Solo. A metodologia aplicada foi a caminhada guiada pelo assentamento, em diálogo com os moradores presentes no percurso, possibilitando a construção de uma pesquisa participativa a partir de uma perspectiva horizontal da partilha de saberes. Baseado nos conhecimentos obtidos por meio deste estudo, iniciou-se a organização e estruturação dos conteúdos para a confecção de um Caderno de Receitas que contemple a valorização do alimento do campo à mesa, como foi observado.

Palavras-Chave: vivência; segurança alimentar; agroecologia.

Keywords: experience; food security; agroecology.

Contexto

Foi realizado, de 14 a 17 de maio de 2019, o V Simpósio Mineiro de Ciência do Solo, na Universidade Federal de Viçosa – Campus Viçosa (UFV), tendo como tema “Agroecologia e a compreensão do solo como fonte e base da vida”. Dentre as atividades oferecidas pelo evento, houve a viagem técnica ao Assentamento Denis Gonçalves, com a proposta de debater a história da antiga fazenda e do atual assentamento.

Participaram da viagem técnica duas graduandas em Agronomia, um professor da área de Ciência de Solo, uma professora de Letras e um pesquisador do México. No dia 18 de maio, partiram da UFV em direção ao município de Goianá, Minas Gerais, onde se localiza o Assentamento Denis Gonçalves, tendo como objetivo conhecer como os atores sociais se organizam enquanto comunidade, o que cultivam, os modos de agricultura desenvolvidos, quem são os consumidores dos alimentos produzidos, qual o papel das mulheres na organização social, as formas de venda dos alimentos e a estrutura educacional dentro do assentamento, a fim de entender como se dá a rotina desses agricultores e agricultoras.

A troca de experiências entre os participantes e os moradores do assentamento possibilitou a ampliação da visão sobre a atuação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) através da apresentação do histórico de luta pela conquista da terra e por condições que atendam plenamente as necessidades das famílias

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



assentadas. A forma de organização do movimento resulta na integração dos agricultores com as regiões próximas e com instituições de ensino, sendo a viagem aqui relatada um diálogo entre a teoria apresentada no meio acadêmico e a vivência no meio rural.

Descrição da Experiência

Na chegada ao assentamento os participantes foram recebidos por Adilson, integrante do MST Zona da Mata, na Escola Estadual Carlos Henrique Ribeiro dos Santos, onde houve uma breve apresentação de todos os presentes seguida por um café da manhã preparado pelas agricultoras Ana Paula e Lúcia. Os alimentos oferecidos despertaram interesse por serem, em sua maioria, produzidos no próprio assentamento e por serem receitas saborosas e nutritivas. Não há a adoção de processamentos que comprometam as propriedades nutricionais, sendo assim alimentos alternativos aos pratos comumente oferecidos e consumidos nos centros urbanos. Quando questionadas sobre a construção das receitas, as agricultoras compartilharam que o planejamento é feito de acordo com a disponibilidade de ingredientes, o que implica em frequente surgimento de ideias para o preparo dos alimentos. A metodologia aplicada para o cumprimento dos objetivos foi a caminhada pela área, orientada por Adilson, com paradas em casas de agricultores, escolas e ruínas da antiga fazenda de café para dialogar com os moradores e moradoras, havendo assim uma diversidade de pessoas contribuindo para a descrição da história do surgimento e estabelecimento do assentamento.

Após o café da manhã a visita foi guiada ao anexo da Escola Estadual Carlos Henrique Ribeiro dos Santos, onde ocorreu a primeira parada na qual foi relatado com detalhes o histórico da área desde o surgimento da fazenda até a consolidação do assentamento. A Fazenda Fortaleza de Sant'Anna foi construída em 1811, doada ainda nos tempos de sesmarias aos primeiros donos, Mariano Procópio Ferreira Laje e sua mãe, Baronesa de Santana. A área possui cerca de 4.600 ha e foi uma das principais produtoras de café na época, contando com mais de 200 escravizados registrados. Em 1900 a fazenda foi leiloada, sendo o próximo dono Lair Cândido Tostes. Com a desvalorização do café no mercado, Tostes é motivado a investir na criação de gado leiteiro. Após sua morte, seus filhos não deram continuidade à produção e permaneceram com a família no Rio de Janeiro. Desta forma, a fazenda ficou abandonada e em 2010 foi reivindicada pelo MST por ser terra improdutiva, sem cumprimento de sua função social.

A ocupação da fazenda se inicia em 25 de março de 2010 e as famílias são despejadas após um ano, mas permanecem ocupando a rodovia MG-353 por três anos. O laudo inicial do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) não considerou a área como improdutiva. No entanto houve uma intervenção da UFV em parceria com a Universidade Federal de Juiz de Fora para elaboração de um contra laudo, que constatou a situação de desuso da terra e pressionou o INCRA a reconhecê-la como improdutiva. Apenas em 2013 o INCRA conclui o processo de



desapropriação, tornando a terra propriedade da União, então se inicia o processo de assentamento e hoje o Denis Gonçalves conta com 120 famílias assentadas.

A divisão da terra entre as famílias, que se deu com auxílio da visita de um agrônomo, levou em conta o relevo, a fertilidade, a acessibilidade à água e as áreas de preservação, de forma que a divisão de terrenos fosse justa. A partir do mapa de parcelamento, houve o diálogo entre as famílias sobre suas preferências e intenções de cultivo e se estabeleceram nas áreas designadas. Conquistado o direito de moradia, se inicia a luta por saneamento básico, energia elétrica, saúde e educação do campo. Foi observado que diversos desses direitos básicos ainda são negados à população assentada, exemplo disso foi o relato de uma agricultora sobre a falta de água e energia elétrica por um longo período, que restringia as atividades domésticas e rurais. Diversas vezes, para manutenção das plantações que forneciam os alimentos para consumo, troca e venda, os agricultores precisavam buscar água em lugares muito afastados, sem auxílio de transporte, evidenciando a necessidade de políticas de assistência efetivas.

Saindo da escola, a visita foi guiada até o Viveiro de Mudas Florestais, onde são cultivadas mudas de plantas nativas, frutíferas e hortaliças, sem o consumo de agrotóxicos, para reflorestamento do assentamento e recuperação de áreas degradadas, através do projeto Semeando Agroflorestas. Seguindo a caminhada, os participantes visitaram as ruínas da antiga casa de café, onde ainda é possível observar os antigos maquinários utilizados e a arquitetura planejada para otimização do processo de produção do café. Toda a produção era baseada em mão de obra escravizada, sendo a senzala separada da casa principal por um portão que era trancado ao fim do trabalho diário. Ainda existem também as ruínas do antigo cemitério da fazenda, no qual se encontram preservados túmulos e nomes dos falecidos.

Em retorno a escola foi oferecido o almoço, novamente preparado pelas agricultoras, com alimentos produzidos pelos próprios assentados. A refeição oferecida mais uma vez chamou atenção dos participantes pela autenticidade no manuseio dos alimentos, desde a plantação até o preparo do prato a ser consumido. As agricultoras compartilharam o prazer em seguir com seu modelo de produção não convencional, que reflete maior autonomia para sua sobrevivência e contribui para sua independência de um mercado hegemônico, que vê a terra apenas como mercadoria. Em contraste, a visão dos assentados é de que a terra é um valor social, assim, constitui-se um modo de vida no qual todos que integram a comunidade participam dos processos de cultivo e preparo do alimento.

Após o almoço, a visita seguiu até a casa dos agricultores Lucia e Vange. Os participantes foram recebidos por Vange que contou sua trajetória de vida até se estabelecer no assentamento e convidou os presentes para uma caminhada em seu quintal. Foi apresentada uma diversidade de cultivares, incluindo hortaliças, frutíferas, medicinais e leguminosas, cada uma dessas possuindo um contexto de aquisição das mudas ou sementes, como relatado pelo agricultor.



A disposição das plantações ao redor da casa revela um sistema integrado de produção, onde várias espécies são cultivadas em consórcio, com aproveitamento dos resíduos vegetais. A propriedade conta com alguns animais como porcos, galinhas e gado, os quais também têm seus resíduos reaproveitados para adubação. Outra atividade realizada por Vange é a produção de artesanatos esculpido em madeira que, além de ser um momento de lazer, agrega renda extra pois as esculturas são vendidas em feiras. A estrutura da casa de Lucia e Vange ainda não é de alvenaria, pois, de modo geral, as famílias assentadas ainda estão em processo de estabilização, sendo um dos principais limitadores da execução de construções a falta de acesso à água.

A última atividade do dia foi desenvolvida na escola, onde foi oferecido um lanche com alimentos similares aos do café da manhã. Em seguida foi realizada uma roda de conversa com os participantes da viagem e os agricultores, para avaliar a experiência vivenciada durante o dia. A colocação comum nas falas durante a conversa foi a satisfação gerada pela troca de conhecimentos e como esses intercâmbios contribuem para a construção de novas ideias, resolução de problemas práticos e ampliação da visão sobre a realidade no campo.

Deste modo, a experiência foi enriquecedora por colaborar com uma percepção mais embasada da organização do assentamento Denis Gonçalves e da relação dos movimentos sociais com a agricultura. Nesse contexto, a alimentação é entendida como um ato político por ser uma produção que preza pela garantia da segurança alimentar, promovendo a Agroecologia. Sendo assim, é interessante a criação de mais projetos de parceria que promovam maior visibilidade das famílias assentadas e seu modo de vida, a fim de contribuir para a troca de experiência.

Resultados

Além disso, o livro contará com fotografias, poemas e ilustrações de crianças filhas dos agricultores e apresentação das pessoas que movem esse ciclo de cuidados com a terra, com o cultivo, com a preparação do alimento e a relação com as pessoas tanto do assentamento quanto das que se beneficiam através de trocas, feiras ou doações.

As receitas, foco do livro, são frutos dos trabalhos do coletivo Mulheres de Aiyê do assentamento Denis Gonçalves, formado recentemente pela necessidade de um espaço de articulação entre mulheres para troca de experiências e mais autonomia para a geração de renda.

Nesse sentido, o livro de receitas surge como veículo de visibilidade do trabalho desempenhado no assentamento, além de buscar a promoção do empoderamento das agricultoras, incentivando-as a reconhecer e valorizar sua importante contribuição para a Agroecologia.



Agradecimentos

Agradecemos aos organizadores do V SMSC, que possibilitaram a realização da viagem técnica ao assentamento. Ao professor Ivo Jucksch e aos nossos companheiros nesta visita, Carmelita e Daví pelo incentivo e orientações. Ao assentamento Denis Gonçalves e seus moradores pela calorosa recepção, especialmente a Ana Paula, Lúcia, Vange e Adilson pela atenção e disposição para dialogar e construir esta troca de saberes. Ao ECOA - Núcleo de Educação do Campo e Agroecologia da UFV. À Chamada MCTI/MAPA/SEAD/MEC/CNPq n° 21/2016.